

O PAPEL DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA RECUPERAÇÃO E NA MOTIVAÇÃO DE ALUNOS INTERNADOS

Nota do leitor: 37,0 (em 40,0)

Ana Paula Nascimento¹

Daniele Trindade dos Santos²

Jaqueline Vieira Rangel³

RESUMO

O presente artigo aborda o surgimento e efetivação da classe hospitalar com a atuação do pedagogo que presta atendimento educacional às crianças hospitalizadas que não podem frequentar a escola regular. Também investiga através de revisão bibliográfica a importância do trabalho do Pedagogo Hospitalar e a sua integração com a equipe médica para que o processo de ensino e aprendizagem seja significativo e tenha a participação da família no sentido de apoiar o trabalho pedagógico e incentivar seus filhos hospitalizados a ter a continuidade nos estudos.

PALAVRAS CHAVE: Classe Hospitalar. Pedagogo. Pedagogia Hospitalar.

Introdução

A Classe Hospitalar, apesar do amparo legal, ainda se apresenta como um desafio para a implementação desta modalidade de ensino dentro dos hospitais. Uma grande parcela da sociedade ainda insiste em não reconhecer, ou desconsidera que o ensino no hospital se constitui como respeito e direito do cidadão a dar continuidade aos seus estudos.

O interesse por esse tema surgiu a partir de experiências pessoais, os quais foi possível acompanhar crianças internadas por longos períodos sem que

¹ Aluna concluinte do curso de Pedagogia do Centro Universitário Presidente Tancredo Neves – UNIPTAN

² Aluna concluinte do curso de Pedagogia do Centro Universitário Presidente Tancredo Neves – UNIPTAN

³ Professora Mestre do Curso de Pedagogia do UNIPTAN – Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

tivessem um acompanhamento pedagógico e a continuidade do processo de escolarização.

Objetivando compreender o processo de ensino e aprendizagem no ambiente hospitalar, aliado a busca de estratégias de aprendizagem e também integrar a família neste processo.

A metodologia usada foi a de pesquisa bibliográfica, confrontando o pensamento de diversos autores, com hipóteses e discussão sobre o tema proposto.

A Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 1996, Estatuto da Criança e Adolescente Hospitalizado e entidades da sociedade civil visavam garantir para a criança brasileira a manutenção de seus direitos como cidadã, garantir o direito ao acesso à escola, a não interrupção de sua escolarização, bem como a participação da criança em atividades pedagógicas e recreativas durante a sua hospitalização.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96 define a educação especial como uma modalidade da educação escolar. Trata-se de um conjunto de recursos e procedimentos específicos do processo de ensino e aprendizagem colocados à disposição dos alunos com necessidades especiais, em respeito às suas diferenças, para que eles tenham acesso ao currículo e, conseqüentemente, conquistem sua integração social.

No Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 no art. 3º: “A criança e adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana”. O art. 7º destaca que:

A criança tem direito à proteção, à vida, à saúde, mediante a efetivação de políticas públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”. Estes direitos garantem a criança uma assistência humanizada, valorizando os aspectos físicos, psíquicos, emocionais e espirituais, proporcionando crescimento e desenvolvimento saudável da mesma.

De acordo com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) o atendimento escolar no ambiente hospitalar constitui uma modalidade de atendimento educacional especializado colocado à disposição de toda criança ou adolescente hospitalizado, que deverá, sempre que possível, contar com a participação do familiar acompanhante. (BRASIL, 1994; FONSECA, 1999)

A Classe Hospitalar é uma modalidade de ensino em Educação Especial justamente por não ter ligação direta com a escola do paciente, e mesmo nesta situação o atendimento pedagógico será feito em leitos ou então em um local adequado dentro do hospital. Existe uma rotina para cada realidade daqueles que estão hospitalizados isso fará com que ele resgate os seus valores pessoais, sociais e educacionais acompanhados pelo profissional que irá ter a flexibilidade para o desenvolvimento das atividades.

Segundo Fonseca(2002), essa classe hospitalar é entendida como:

Lócus específico de Educação destinado a prover acompanhamento escolar a alunos impossibilitados de frequentar às aulas em razão de tratamento de saúde que implique internações hospitalar ou atendimento ambulatorial (p.52).

A Classe Hospitalar proporciona às crianças e aos adolescentes internados que não podem frequentar a escola, propostas pedagógicas com o objetivo de dar continuidade a escolarização. Na infância a hospitalização restringe as relações de convivência da criança, pois a afasta de sua família, de sua casa, de seus amigos e também de sua escola, e tudo isto afeta significativamente o desenvolvimento infantil.

Diante da revisão bibliográfica foi possível aprender que não é fácil para a criança o processo de internação, pois ela está em um ambiente que não faz parte de sua realidade, longe do convívio com a família e amigos

É necessário para que a criança aceite melhor a sua hospitalização, oferecer a ela propostas de ensino que diminua a concepção negativa que o ambiente hospitalar traz. Dessa forma a situação de enfermidade pode tornar o que é desagradável em algo bom que faz parte da sua vida fora do hospital.

Ceccim e Fonseca (1999, p 35) comentam que o pedagogo, ao promover experiências vivenciadas dentro de um hospital (brincar, pensar, criar), estará favorecendo o desenvolvimento da criança, que não deve ser interrompido em função de uma hospitalização.

Mesmo que por algumas horas a presença do professor e das atividades pedagógicas podem auxiliar na superação dos momentos dolorosos dos procedimentos médicos e oportunizam o contato com o saber. O aluno/paciente não interrompe sua escolarização e o seu ano letivo não é prejudicado, pois a

existência da Classe Hospitalar permite que sejam minimizados os efeitos oriundos do seu afastamento da escola.

A Classe Hospitalar vem oferecer à criança ferramentas de comunicação com sua realidade familiar, com outras pessoas de sua idade e com outros pacientes. Por outro lado, oferece situações de jogos e entretenimentos que garantem a continuidade didática com a escola de origem, favorecendo a criança e a família o aprendizado de novos ritmos e novos projetos de vida enquanto está internada. Conforme elucida Fonseca:

A classe hospitalar ratifica e afirma o acesso da criança ou adolescente aos direitos de cidadania relativos à saúde e à educação, conforme estipulam a Constituição Nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Orgânica da Saúde e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que o atendimento à saúde deve ser integral (promoção, prevenção, recuperação, reabilitação e educação da saúde) e a educação escolar deve ser adequada às necessidades especiais dos educandos (criação de processos de integração entre sociedade, instituições e escolas e provisão de meios para a progressão pedagógico-escolar sistemática). (1999, p.33)

Dispor de atendimento de Classe Hospitalar, mesmo que por poucas horas, tem grande importância para uma criança hospitalizada, pois ela pode operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e produtos subjetivos de forma positiva.

O atendimento pedagógico prestado à criança no período de internação envolve as atividades educativas como, por exemplo: contar histórias, recreação, jogos, artes e atividades escolares relacionadas ao ano escolar que a criança está estudando. Estas atividades objetivam minimizar os efeitos da hospitalização atendendo as necessidades básicas da criança, favorecendo a esta, também um vínculo com o mundo que deixou fora do hospital. A possibilidade da criança estudar no hospital evita o desinteresse de retornar aos estudos quando estiver melhor, pois não ir à escola deixa a criança atrasada em relação à turma, isto pode contribuir para a desistência do ano letivo. De acordo com o documento do MEC, intitulado "Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações:

O atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento correspondentes à educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos (MEC/SEESP, 2002, p.17).

METODOLOGIA

A metodologia usada foi a de Revisão Bibliográfica contemplando autores que desenvolveram pesquisas sobre a Classe Hospitalar e sua importância pedagógica para a continuidade dos estudos dos pacientes em idade escolar.

Método, em sentido amplo, é a ordem que se deve impor aos diversos processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado. O Método científico é um instrumento de que se serve a inteligência para descobrir relações, verdades e leis referentes aos diversos objetos de investigação. O método científico é um dispositivo ordenado, um conjunto de procedimentos sistemáticos que o pesquisador emprega para obter o conhecimento adequado do problema que se propõe resolver. O método é constituído de um conjunto de processos ou técnicas que formam os passos do caminho a percorrer na busca da verdade.

A importância de desenvolver a investigação através da pesquisa bibliográfica, traz para o leitor uma dimensão do pensamento de autores.

Como é possível o paciente em idade escolar, internado em Hospital acompanhar os estudos e não se prender no processo de aprendizagem? Qual o papel do Pedagogo como mediador dos conhecimentos para os pacientes hospitalizados? Como desenvolver este processo de estudos?

Estas perguntas serão respondidas através dos estudos realizados pelos autores que contribuíram para realização do artigo e como forma também de explicitar a importância da atuação do pedagogo no ambiente escolar, sua forma de atuação, a importância do trabalho multidisciplinar envolvendo o pedagogo, equipe médica e família visando sempre o bem estar do paciente, tendo como objetivo diminuir os medos, ansiedade e angústia das crianças e adolescentes internados.

UNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base da pesquisa foi pautada no estudo da Classe Hospitalar que é compreendida como uma modalidade de atendimento escolar prestada a crianças e adolescentes internados ou em acompanhamento ambulatorial em hospitais e até mesmo em casas de apoio, ou em tratamento domiciliar. Ela parte do reconhecimento que a enfermidade os afasta da rotina escolar, levando-os a privação da convivência em comunidade, o que os submete ao risco de transtornos quanto ao desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, foram criadas algumas políticas que pretendem assegurar a estas crianças e adolescentes direitos tanto para a educação como para a saúde. Assim as políticas de educação especial e de atenção à diversidade do MEC (Ministério da Educação), crianças e adolescentes hospitalizados são caracterizadas como portadores de necessidades especiais. Já para a política de humanização do Ministério da Saúde, esses pacientes são alvos preferenciais, porque são mais susceptíveis à despersonalização e ao distanciamento afetivo, característicos da assistência hospitalar.

No Brasil a Pedagogia Hospitalar teve sua origem em 2000 no Paraná onde teve seu primeiro projeto executado na rede hospitalar a partir de parceria com a Secretaria de Educação e Saúde. Segundo Matos (2002), hoje além de haver classes hospitalares, há também em atendimento escolar ao doente em casas de apoios e em entidades que prestam atendimento ao doente em fase escolar. O atendimento também se estende ao domicílio do aluno que, por motivos de saúde não pode frequentar a escola.

Quando pensamos em educação, logo imaginamos que só é possível que aconteça em um espaço escolar, nos esquecemos que a aprendizagem acontece em todos os lugares. Segundo Brandão (2007)

Educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade". Portanto, devemos considerar que ela não se restringe apenas a um espaço delimitado chamado de escola, mas que ela ocorre em toda parte em que há "redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modo de ensino formal e centralizado" (BRANDÃO, 2007 p.10).

Com base, nestes conceitos é possível desenvolver a pesquisa com autores que elucidam a Classe Hospitalar como uma extensão da escola e possibilitando ao paciente em idade escolar dar continuidade aos seus estudos.

O termo Pedagogia Hospitalar tem sua origem nos anos 1930. A Classe Hospitalar surgiu com a inauguração da primeira escola para crianças inadaptadas, nos arredores de Paris no ano de 1935, tendo como responsável Henri Sellier. Seu exemplo foi seguido na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas. O marco decisório considerável das escolas em hospitais foi a Segunda Guerra Mundial, porque houve uma enorme quantidade de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola. Assim cria-se uma ação coletiva, sobretudo dos médicos que hoje defendem a classe hospitalar.

A classe hospitalar surgiu da necessidade de promover o ensino à crianças e jovens hospitalizadas e impossibilitadas de frequentar o ambiente escolar e com o objetivo de prevenir a reprovação e evasão escolar, servindo como meio para a reintegração do escolar hospitalizado ao sistema regular de ensino (FONSECA, 1999, p. 33a).

Quando pensamos em educação, logo imaginamos que só é possível que aconteça em um espaço escolar, nos esquecemos que a aprendizagem acontece em todos os lugares. Segundo Brandão (2007, p. 10, p. 13),

Educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Portanto, devemos considerar que ela não se restringe apenas a um espaço delimitado chamado de escola, mas que ela ocorre em toda parte em que há “redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modo de ensino formal e centralizado”.

Brandão ainda aponta que assim como a educação independe de um espaço para acontecer, ela também não apresenta um modelo único e nem tão pouco uma única forma para acontecer, portanto, o ensino que ocorre na escola não é uma prática única e o professor também não é o único praticante do ato de ensinar. O aprender pode acontecer em diversos espaços.

A LDB 9394/96 trouxe o início de uma discussão em relação à formação do Pedagogo que foi consolidada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Após publicação das diretrizes foram extintas as habilitações fragmentadas do curso. Atualmente a formação do Pedagogo se abriu num amplo leque de práticas profissionais tanto em espaços escolares como não escolares. Segundo documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, o curso de destina-se:

À formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

A partir dessa abertura fica consolidada a atuação do profissional pedagogo em espaços escolares e não escolares e o hospital é também um dos lugares onde pode ocorrer o processo de aprendizagem. De acordo com Libâneo (2006, p. 215) “o pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar”.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática [...] (BRANDÃO, apud LIBÂNEO, 2002, p. 18)

O pedagogo que atua em hospitais presta atendimento às crianças e adolescentes enfermos que se encontram impossibilitados de frequentar a escola. Prestando atendimento de forma lúdica com a finalidade não só no processo de escolarização da criança em situação de internação mas visando também oferecer uma assistência humanizada para diminuir a ansiedade, medo e angústia sofridos pela criança, por isso é importante o trabalho desenvolvido juntamente com a equipe multidisciplinar e o apoio da família, contribuindo desta forma para que o processo de internação não seja tão traumático.

Nesta visão “o pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações” (LIBÂNEO, 2000, p. 44).

No contexto do processo de escolarização dos pacientes internados, é mister saber:

A Pedagogia Hospitalar, por suas peculiaridades e características, situa-se numa inter-relação entre os profissionais da equipe médica e educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como para saúde e para vida, como pelo modo de trazer continuidade no processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo (MATOS e MUGIATTI, 2001, p.37).

A Pedagogia Hospitalar é capaz de promover um elo entre a criança ou adolescente hospitalizado com o mundo que ficou fora do hospital. Para Fonseca (2002, p.58), “a sala de aula do hospital é a janela por onde a criança se conecta com o mundo”. Um ambiente que poderia ser frio e desconfortante, acaba sendo transformado com a vinda da pedagogia hospitalar.

Importante mencionar que mesmo atuando dentro da instituição hospitalar, estes momentos podem acontecer em espaços diferentes como em brinquedotecas, ambulatórios, nos quartos e nas enfermarias, não precisando ocorrer em um lugar específico.

A criança em idade escolar que se encontra impossibilitada de frequentar a escola por um determinado tempo por estar hospitalizada, em tratamento domiciliar ou que tenha que permanecer em isolamento respiratório devido a alguma doença auto imune ou por qualquer outro impedimento relacionado a saúde, tem o direito à educação e isso se torna possível através da presença do pedagogo hospitalar que dará continuidade aos estudos contribuindo para que assim não haja déficit na aprendizagem e consequente fracasso escolar causado pelo longo período de afastamento da rotina escolar.

Mas essa não deve ser a única preocupação do pedagogo, ele deve considerar também o ser integral, atendendo suas necessidades físicas, psíquicas e sociais e sempre respeitando suas limitações e as condições em que se encontram.

Segundo Matos e Mugiatti (2009), este enfoque educativo e de aprendizagem surgiu da convicção de que a criança e ao adolescente hospitalizados, em idade escolar, não devem interromper, sempre que possível,

seu processo curricular, portanto, este atendimento cumpre a função de estimular a continuidade dos estudos para que estes estudantes não percam seus cursos e não se tornem repetentes.

Constitui uma forma de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes internados, de forma que o contato com conteúdos seja feito de forma mais lúdica e prazerosa.

Assim, cabe ressaltar que a atuação do pedagogo hospitalar vai muito mais além do que promover o processo de aprendizagem, ele também deve buscar diminuir o medo, ansiedade, angústia, restituindo a vitalidade e auto estima das crianças que se encontram nesta situação.

Deve funcionar também como uma escuta pedagógica das necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível, bem como suas necessidades e promover o contato com a família, pois a presença da mesma é de fundamental importância neste momento difícil e desconhecido para a criança.

Brandão ainda aponta que assim como a educação independe de um espaço para acontecer, ela também não apresenta um modelo único e nem tão pouco uma única forma para acontecer, portanto, o ensino que ocorre na escola não é uma prática única e o professor também não é o único praticante do ato de ensinar.

O pedagogo é o profissional que atua em processos relacionados ao ensino e aprendizagem a crianças e adolescentes, seu campo de atuação é bastante vasto, podendo ocorrer em espaços escolares e não escolares, e o hospital também é um dos ambientes onde é possível acontecer o processo de ensino aprendizagem: "(...) o pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar." (LIBÂNEO, 2006, p.215).

O pedagogo que atua em hospitais presta atendimento às crianças e adolescentes enfermos e que se encontram impossibilitados de frequentar a escola, realizam atividades lúdicas como forma terapêutica, atuam juntamente com a família e equipe multidisciplinar, integram educação e saúde visando o bem-estar do paciente, acompanhando e ocupando os mesmos para que a experiência da internação não seja tão traumática.

Segundo Matos e Mugiatti (2012), o processo de continuação do ensino e aprendizagem da criança e do adolescente, traz maior estímulo para a criança e uma enorme força de vontade para se recuperar logo, os estímulos proporcionados pelo docente, motiva a participação produtiva da criança para que a mesma se sinta introduzida no contexto tornando sua recuperação mais rápida. A pedagogia no âmbito escolar envolve a participação e a integração do aluno, tornando-o participativo e presente, fazendo com que ele tenha mais motivação para voltar ao seu meio que estava integrado.

Quando a criança se encontra hospitalizada e longe de sua rotina, dos amigos e dos familiares ela se sente insegura, apreensiva. E sua maneira de ser e sentir encontra-se temporariamente modificada. Nesses casos a presença do pedagogo é indispensável pois, através das atividades lúdicas realizadas por meio de jogos, brincadeiras, musicoterapia, apresentações teatrais, brinquedos terapêuticos e em alguns casos terapia com animais de estimação, ele vai atrair a atenção da criança e estes momentos para elas funcionam como um refúgio, uma âncora, além de mostrar que elas são capazes, restituindo a vitalidade, auto estima, auxiliam também aos pais que se encontram em uma situação de preocupação e não podem deixar transparecer para seus filhos os seus medos e angústias.

A Pedagogia Hospitalar, por suas peculiaridades e características, situa-se numa inter-relação entre os profissionais da equipe médica e educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como para saúde e para vida, como pelo modo de trazer continuidade no processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo (MATOS e MUGIATTI, 2001).

O Pedagogo Hospitalar trabalha de forma diferenciada pois precisa adaptar as estratégias de ensino para cada paciente, respeitando suas limitações, que podem ser de natureza motora ou sensorial. É um trabalho bastante instigante, mas ao mesmo tempo apresenta muitos desafios porque além do aporte educacional ele precisa corroborar para que haja uma assistência emocional e humanística, a fim de proporcionar a criança uma recuperação mais tranquila. Há também o fato de as vezes a criança apresentar uma certa resistência em aceitar ajuda, falta de apoio dos familiares, e talvez o maior deles é que nem toda instituição disponibiliza deste tipo de tratamento, é mais comum vermos estes profissionais atuando somente em grandes hospitais. Nos

nosocômios do interior não é uma prática comum e as crianças que se encontram em situação de internamento prolongado acabam ficando prejudicadas em relação a aprendizagem e socialização.

Para que haja sucesso no desempenho do docente no espaço físico da classe hospitalar também tem sua importância devendo oferecer um espaço diferenciado, acolhedor, com estimulações visuais, brinquedos, jogos, ambientes alegre e aconchegante.

A pedagogia hospitalar é um desafio, para o pedagogo que desenvolve um trabalho humanizado ajudando pacientes prejudicados na sua escolarização, proporcionando conhecimento e qualidade de vida ao paciente. A educação no hospital tem como princípio o atendimento personalizado ao educando na qual se trabalha uma proposta pedagógica com as necessidades, estabelecendo critérios que respeitem a patologia do paciente. No hospital a criança está longe do seu cotidiano voltado pelos amigos, brincadeiras e escola entrando em contato com integrantes do hospital enfermeiras, médicos além da família, por isso é fundamental a atenção do educador em articular atividades para a aceitação do paciente, na situação de internação no hospital.

A ausência escolar para a criança ou adolescente é dolorosa conforme a inexistência de harmonia familiar no território hospitalar para Matos (2014), às práticas das crianças e diferenciado nunca se ausente tendo momento para dormir brincar se alimentar desempenhar sua higiene pessoal cumprir com suas medicações e sua rotina de exames médicos, repousar e estudar demonstram suas rotinas cotidianas. Segundo Fonseca (2003), compreende que comparecer a escola hospitalar as crianças e adolescentes acordam e reagem de acordo com os seus objetivos, além das atividades propostas pelos pedagogos ajudarem a criança ou adolescente no seu ânimo, ela tem fundamentos pedagógico-educacionais os quais trabalham o lúdico que é diretamente envolvido com o psicológico da criança que deve ter um trabalho contínuo e diário devido ao cansaço e a sua rotina hospitalar.

O professor deve se adaptar à realidade em que a criança se encontra no hospital como a área disponível para a realização das atividades lúdicas pedagógicas, recreativas; densidade de leitos na enfermaria pediátrica e dinâmica da utilização do espaço; adaptar a agenda de horários. O pedagogo ao implantar uma classe hospitalar deve se preocupar com a presença da

brinquedoteca. Para Cunha (2001), vem abordar a infância e a função da brinquedoteca, em que esta última se configura como um espaço destinado à brincadeira, onde a criança brinca sossegada, sem cobrança e sem sentir que está perdendo tempo, estimulando sua autoestima e o processo sócio cognitivo.

Atuação de recreadores e também a presença dos pais ou responsáveis integrando – os nas atividades correntes de uma classe hospitalar. Segundo Cunha,

As formas de convivência democrática encorajam a autonomia e estimula o amadurecimento emocional. Nesse espaço tão especial que é a brinquedoteca, a criança pode conhecer novos tipos de relacionamento entre as pessoas de forma prazerosa e enriquecedora (...) (p.37).

O profissional deve ser criativo explorar os espaços, podendo assim realizar dinâmicas de teatro, propor maneiras e materiais alternativos na confecção de jogos e brinquedos. Sendo assim, as classes hospitalares possuem uma pedagogia caracterizada pela educação sistematizada, no qual a planejamento no ensino, avaliação, encontro e socialização das crianças e professores, no hospital deve proporcionar um espaço onde as crianças possam expor seus trabalhos (murais), lugar para guardar lápis, papéis, cadernos, etc.

O local deve ser lúdico e recreativo tendo jogos e brincadeiras, realizadas de acordo com o estado do paciente, com o intuito de expressar a partir de uma linguagem simbólica, medos, sentimentos e ideias que ajudem no enfrentamento da doença e do ambiente. O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa bibliográfica, foi possível constatar a importância de manter nos Hospitais, uma classe hospitalar com o objetivo de atender as crianças e adolescentes que estejam hospitalizados, principalmente por um longo período de internação.

Motivando os pacientes internados em idade escolar a prosseguir os estudos e estarem em contato com conhecimentos, mesmo que estes sejam de forma lúdica ou menos teórica como são ministrados em sala de aula.

A importância da continuidade dos estudos e o contato com conteúdos, mesmo de forma lúdica é significativa, já que a criança ou adolescente internado se não for motivado, não conseguirá ter um bom resultado na sua aprendizagem.

Mesmo em ambiente hospitalar é possível ter uma classe, onde propriamente não precisa ser no quarto, e sim em outros espaços.

Conjugando com o apoio da família, é possível o Pedagogo desenvolver um bom trabalho de atendimento a este público, transpor as barreiras de uma internação hospitalar e dar sentido à vida escolar de crianças e adolescentes.

A bibliografia de estudos é bastante ampla e nos proporcionou ter uma melhor visão da importância da atuação do profissional de pedagogia em um ambiente hospitalar pois une o paciente e aluno ao conteúdo e às atividades, a importância também do apoio familiar e de fatores que contribuem para que não ocorra o fracasso escolar em decorrência da situação de internamento e que a criança ao receber alta hospitalar possa se reintegrar à sua rotina escolar e social sem nenhum trauma.

É possível conseguir um bom trabalho quando o Pedagogo juntamente com a equipe médica e enfermagem tenham um olhar para a questão do processo de escolarizar o paciente internado, aproveitando o tempo e a capacidade do mesmo, enfim colorindo a vida escolar com magia, conhecimentos e ânimo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Walkíria de. Classe hospitalar: um olhar pedagógico singular. São Paulo:Phorte, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

FONSECA, E.S. - **Classe hospitalar:** ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de__ crianças e adolescentes hospitalizados. Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p.32-37,1999.

GOMES, J.O, RUBIO, J.A.S (2012) **Pedagogia Hospitalar:** A Relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada.

LIBÂNEO, J.C. (2002). **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez.

LOPES, E. H (2010) **Pedagogia hospitalar:** a humanização na educação. Disponível em www.unifan.edu.br/.../PEDAGOGIA%20HOSPITALAR%20a%20humanização%20n. Acesso em 30/5/17.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde./Elizete Lúcia Moreira Matos; Margarida Maria Teixeira de Freitas Mugiatti. 7.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. (Organizadora) **Escolarização hospitalar:** educação e saúde de mãos dadas para humanizar – 4.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2014.

MATOS, E.L.M (ORG) **Escolarização Hospitalar:** Educação e Saúde de mãos dadas para humanizar.4.ed.Petrópolis:RJ: Vozes, 2009.

TINÉE, C.A, ATAIDE, S.P (2012.2) **A Atuação do pedagogo em classes hospitalares.** Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/.../tcc%20carolina%20tin ee.pdf